

Resenha: Del Ritmo al Símbolo. Los Signos en el Nacimiento de la Inteligência. O Novo Livro de Cíntia Rodríguez

Rodríguez, C. (2006).

Del ritmo al símbolo. Los signos en el nacimiento de la inteligência: Vol. 51. Cuadernos de Educación.
Barcelona, España: Universitat de Barcelona.

Cecília Guarnieri Batista* & Ana Luiza Smolka**
Universidade Estadual de Campinas

“Houve um tempo em que a Psicologia não tinha pressa” (p. 9). Desta forma, Cíntia Rodríguez inicia seu livro, justificando a importância de uma Psicologia Evolutiva, centrada na análise de processos, observados por longos períodos em estudos longitudinais. E apresenta a lógica do livro, organizado em cinco capítulos, que seguem uma sucessão funcional ou a evolução qualitativa do desenvolvimento psicológico do bebê, tendo como um de seus fios condutores um diálogo com a teoria de Piaget. A autora faz uma ampla revisão da literatura, comentando as contribuições de autores em diversos campos do conhecimento, como a Psicologia, a Semiótica e a Linguística. Problematizando a questão da comunicação e da educação no desenvolvimento inicial, aponta como fundamentais as contribuições de Wallon e Vygotsky.

O livro dá continuidade aos trabalhos da autora anteriormente desenvolvidos em co-autoria com Christiane Moro (Moro & Rodríguez, 1997; Rodríguez & Moro, 1999). O argumento central do livro é a importância de se considerar a tríade bebê-adulto-objeto, dando especial relevo a este último, que é destacado como protagonista nos eventos. Ou seja, a ênfase é posta numa pragmática do objeto, que integra as práticas cotidianas e é visto como particularmente fundamental no nível anterior ao aparecimento da linguagem verbal na criança.

O primeiro capítulo, *En el principio es el ritmo*, se inicia lembrando a concepção de Piaget sobre a inteligência como resultado da construção, por parte de um sujeito ativo, que transforma o meio e se transforma. A autora exalta a ênfase na construção, mas critica a falta do outro na teoria.

Aborda vários temas e autores que deles trataram, como o desenvolvimento das emoções, recorrendo a Darwin e

Wallon. Traz os estudos sobre sucção do recém-nascido e sobre a coordenação mão-boca, como indicativos da importância da ação que, ativamente, une o sensorio e o motor.

Nos estudos de Kaye sobre sucção, destaca o foco na bidirecionalidade e aponta os ajustes nos ciclos sucção-pausa na alimentação como possível origem das regularidades que levam às regras. Discute implicações desses estudos para o desenvolvimento de bebês que passam as primeiras semanas de vida em incubadoras, portanto privados dessas experiências. Contrapõe, também, estudos como os de Kaye aos estudos de laboratório centrados em modalidades sensoriais ou motoras isoladas, e critica os últimos pela falta da análise de processos.

No capítulo 2, *Las relaciones recíprocas adulto-niño*, a autora fala das mudanças observadas no bebê em torno de dois meses, e enfatiza as relações recíprocas entre adulto e bebê. Aborda as mudanças no sistema nervoso central, sob influência genética e ambiental, e discute a plasticidade neural, lembrando que os danos biológicos têm impacto diversificado, dependendo da forma assumida pelos cuidados nesse período. Inicia com a descrição de Piaget sobre as relações circulares primárias, creditando a esse autor a caracterização deste e de outros importantes fenômenos do desenvolvimento infantil. Critica, entretanto, o fato de Piaget sugerir que essas reações se originam do acaso e se mantêm por repetição.

Em contraponto, ao discutir os *formats* de Bruner, reitera a importância de dar atenção às reações conjuntas produzidas entre bebê e adultos, com ênfase nos intercâmbios comunicativos, anteriores e precursores da aquisição da linguagem. Concorda com Bruner na ênfase à pragmática da fala e no adulto como mediador da cultura. Entretanto, sugere a substituição de “linguagem” por signo, ao abordar esses primeiros intercâmbios, para evitar que esta seja tomada como o padrão, a partir do qual se analisa o que vem antes.

Faz uma revisão sobre as aquisições em relação ao alerta ativo, ao olhar conjunto e sustentado, e ao sorriso, e contrasta os resultados desses estudos com o desenvolvimento de bebês cegos. Aponta para a questão de que esse desenvolvimento pode estar prejudicado por fatores externos à cegueira *per se*, sugerindo, como uma das possibilidades, as reações dos adultos à falta de visão do bebê. Além disso,

* Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Centro de Reabilitação, Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Barão Geraldo, Campinas, SP, 13084-971. Tel.: (19) 3521 8805; Fax: (19) 3521 8814. Caixa-Postal: 6111. E-mail: cecigb@fcm.unicamp.br

** Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia Educacional, Rua Bertrand Russell, 817, Cidade Universitária, Campinas, SP, 13083-970. Tel.: (19) 3788 5555; Fax: (19) 3788 5555. Caixa-Postal: 6125. E-mail: asmolka@unicamp.br

retoma as colocações de Vygotsky sobre deficiência, ao comentar que o desenvolvimento pode se dar a partir de diferentes caminhos, e não apenas pelo mais conhecido e documentado (como é o caso, por exemplo, do papel do olhar conjunto e do sorriso na interação adulto-bebê vidente). Fica sugerida, assim, uma crítica às formas tradicionais de investigar o desenvolvimento infantil, centradas nos bebês sem deficiência, e a uma idéia de “aplicação” desses conhecimentos aos bebês com deficiência, o que amplia, consideravelmente, o risco de uma concepção de déficit para o processo de desenvolvimento destes últimos.

Apresenta, a seguir, as colocações de Trevarthen sobre “intersubjetividade primária” inata e sobre “protoconversações”, e as critica por estarem centradas em competências e ritmos endógenos, e em ajustes aos mesmos centrados no papel do adulto. Como alternativa, sugere modelos que privilegiem uma construção ativa e constante, pelos dois participantes. Na mesma direção, sugere que o início do interesse do bebê por objetos se inicia em torno dos dois meses, devido à apresentação desses objetos pelos adultos, e não em torno dos quatro ou cinco meses, “como resultado do encontro solitário do bebê com o meio” (p. 120).

Coloca como aquisições centrais do período os sorrisos e as primeiras condutas intencionais partindo do “nicho seguro da interação com o outro” (p. 126); enfatiza, assim, o fato de os bebês se tornarem sujeitos ativos.

O capítulo 3, *Las primeras intenciones son prestadas. El objeto como protagonista*, dá atenção ao bebê de quatro meses. Destacam-se, no período, as antecipações do bebê, de forma que o presente se converte em índice do futuro, o que é indicado por observações de bebês em diferentes situações. Aponta como decorrência a necessidade de iniciar bem cedo a atenção a bebês de risco, dada a importância dos acordos intersubjetivos estabelecidos entre adultos e bebês, que permitem a antecipação de acontecimentos relativos a objetos e prenunciam as condutas intencionais.

Apresenta o terceiro estágio de Piaget, com as reações circulares secundárias que trazem resultados externos, e o início da dissociação entre meios e fins, mostrando os limites de sua posição ao descartar a comunicação e a intencionalidade do outro como origem dessas reações. Quanto à noção de objeto, concorda quando Piaget o concebe como resultado de uma construção, mas se opõe a ele enfatizando que, de seu ponto de vista, o objeto é “o produto da ação do signo” (p. 140).

Discute, a seguir, o objeto como novo protagonista na vida do bebê, com a reorganização perceptiva e motora que favorece o alcançar sistemático. Comenta a contribuição de Piaget na identificação da permanência do objeto, bem como de outros fenômenos do desenvolvimento, e o critica por não levar em conta o papel do outro, nem as dimensões culturais e de uso funcional dos objetos. Menciona e concorda com vozes críticas a estudos recentes, centrados na apresentação isolada de estímulos visuais bidimensionais (e não de objetos), por não considerarem o papel da experiência e da ação sobre objetos diversificados, nem as diferenças no significado cultural dos mesmos. Tomando como

base a concepção pragmática – “a lógica do objeto a partir de seu uso na vida cotidiana” (p. 161), a autora retoma a questão da permanência do objeto, para sugerir que não se pode considerar como semelhantes todos os desaparecimentos, dadas as diferenças entre objetos, funções e lugar em que ocorrem esses desaparecimentos.

Reafirma que o objeto é cultural, e cita Tomasello, que sugere a adoção da perspectiva de Vygotsky, para quem a maioria dos objetos com os quais a criança atua constitui-se em artefatos produzidos pelo homem, com *affordances*¹ intencionais, além das *affordances* naturais estudadas pelos seguidores de Gibson.

O capítulo 4 - *Los objetos sirven para hacer cosas. Sus significados son públicos* - é voltado para os bebês a partir dos oito meses. A autora retoma a questão da permanência do objeto, sugere que o fato de o adulto tratar o objeto como permanente deve afetar o bebê de alguma forma e afirma que esse conhecimento pode ser usado para detectar indícios de elementos de risco no desenvolvimento.

Passa, a seguir, a descrever, segundo Piaget, as primeiras condutas inteligentes do bebê nessa faixa etária. Comenta que, para o autor, o despertar da intenção tem relação com os “obstáculos externos”, apresentando vários exemplos em que Piaget interpõe obstáculos a serem removidos pelo bebê, como evidência da coordenação entre meios e fins. Comenta que o autor faz diferentes usos de sua mão (por ela categorizados como: “mão obstáculo”, “mão bastão” e “mão alheia”), mas nenhum uso da “mão como guia”, e que deixa de interpretar ações do bebê nessas circunstâncias como possíveis tentativas de comunicação. Na mesma direção, critica Piaget por atribuir ao acaso as ações de exploração de objetos novos.

A seguir, a autora apresenta a noção de “relações triádicas”² citando Tomasello, para quem as condutas triádicas surgem a partir dos nove meses, e supõem coordenação das interações do bebê “com objetos e com pessoas, dando lugar a um triângulo referencial composto pelo bebê, o adulto e o objeto, ou acontecimento, em torno do qual compartilham a atenção” (p. 188). Afirma que, em torno do final do primeiro ano, há uma explosão de significados indiciais (no sentido que Peirce dá ao termo), com situações cada vez mais distais.

Ressalta em Tomasello a concepção cultural do objeto, bem como a sugestão de origem cultural do pensamento. Problematisa a separação vygostkiana entre duas linhas, natural e cultural do desenvolvimento no início da vida, também discutida por Tomasello, pelas dificuldades que pode trazer para um modelo unificado de análise da influência do adulto na introdução ao uso de objetos, desde o início da vida.

A autora retoma a discussão de seus estudos com Moro (Rodríguez & Moro, 1999), que descrevem interações

¹ *Affordance*: aquilo que é possível fazer com o objeto, dadas suas propriedades físicas (ex: bater, sacudir, chupar, etc).

² “Triadicidad” no original.

³ A autora sugere os proto-interrogativos, como acréscimo aos proto-imperativos e protodeclarativos sugeridos por Bates, Camaioni e Volterra (1975).

triádicas bebê-adulto-objeto, antes da comunicação intencional com os outros. Nessas primeiras interações, cabe aos adultos a responsabilidade, a intencionalidade e quase sempre a iniciativa. A autora concorda com Vygotsky, considerando que os signos são, inicialmente, meios de relação social e, só depois, meios de influência sobre a própria pessoa.

Reitera que, apesar de as relações triádicas serem destacadas na literatura a partir do 4º trimestre de vida do bebê, é preciso estudá-las desde muito antes, nos diferentes contextos de interação (por exemplo, alimentação e banho), em que o adulto assume a maior parte da responsabilidade. Para Rodríguez, o modo semiótico de considerar os objetos a partir de seus usos (pragmática do objeto), e de situá-los também no seio da comunicação, encontra nos proto-interrogativos³ uma importante expressão. Dá exemplos de situações em que a criança, antes de utilizar um objeto, busca confirmação do outro sobre a adequação de seu gesto. Nessas circunstâncias, os bebês concedem ao adulto o papel regulador que ele já possui, o que concorda com as colocações de Vygotsky de que a regulação é externa, antes de tornar-se interna, e que “vê os mediadores semióticos e a relação triádica no exterior, antes que o bebê os tenha interiorizado” (p. 235).

No último capítulo, *De los usos convencionales a los primeros símbolos*, a autora aborda o início do uso de símbolos, entendidos como mais dissociados das coisas, se comparados aos modos de significar mais básicos e indiciais descritos nos capítulos anteriores. Admitindo que não há respostas simples às indagações: “o que é símbolo” e “de onde eles provêm?”. Rodríguez afirma, com base em Peirce, que “os símbolos gozam da segurança proporcionada pelas regras convencionais relativas aos objetos e às leis, de modo que se permitem o luxo de significar desde a distância proporcionada pela ausência” (p. 239). Aponta, assim, como novidade o fato de que os referentes começam a se ausentar: não é mais necessário que o apontado, que o significado esteja presente.

Para encaminhar essa questão, a autora coloca em pauta o problema da representação e do uso convencional dos objetos em relação à arbitrariedade do signo lingüístico, discutindo longamente a posição de Saussure que, assim como Peirce, defende a natureza social do signo e da língua, em oposição à posição de Piaget que, embora assumindo o modelo saussureano de linguagem, despoja o símbolo de componentes sociais. E pergunta: “Como se dá semelhante salto entre a total ausência de convenção para o grau máximo, o arbitrário do signo lingüístico?” (p. 264)

Rodríguez analisa os limites da concepção de símbolo para Piaget, cujo caráter de imagem mental privada, marcada pela assimilação deformante, acaba por não explicar as possibilidades de compreensão das ações simbólicas do bebê. Contesta também a capacidade básica para a representação primária nos bebês, tal como proposta por Leslie e Baron-Cohen, modularistas que descartam os aspectos semióticos e comunicacionais do signo na ontogênese.

A essas visões, Rodríguez contrapõe os argumentos de Wallon e Vygotsky, ressaltando especialmente a contribui-

ção desse último no que concerne à continuidade entre o aparecimento da linguagem e os processos anteriores.

Lembra que Vygotsky vê os gestos como usos convencionais, em que se apóia o uso simbólico, como um “condensado” de usos públicos e convencionais, o que permite que sejamos capazes de compreender quando as crianças pequenas usam símbolos.

A autora discute, a seguir, as teses de Tomasello, apontando a distinção entre: (a) artefatos simbólicos e (b) objetos materiais usados como símbolos e apoiando sua visão de objeto culturalmente situado, com ênfase nas propriedades funcionais desse objeto (apresentando, assim, uma visão diferente do objeto “evidente” da Psicologia). Ressalta a influência dos adultos na origem dos símbolos, fazendo referência a seus próprios estudos com Moro, dentre outros. Já no que se refere à pragmática do objeto, sustenta que os usos simbólicos se apóiam nos usos convencionais, retoma definições de signos para diferentes autores, e contesta a idéia da existência de signos “naturais”, uma vez que o processo de interpretação de um sujeito, com as inferências que o sustentam, não é natural.

A pergunta seguinte é sobre os precursores semióticos desses usos. A autora toma como eixo central a noção de mediadores comunicativos semióticos. Sustenta e apresenta evidências de que, antes dos significados simbólicos e convencionais, surgem significados mais básicos, de natureza ostensiva e indicial. Relaciona a compreensão do sujeito aos objetos, pelo menos do ponto de vista pragmático de seu uso cotidiano. Afirma que, no caso das primeiras atividades simbólicas, é necessário vincular os objetos e seus referentes: que tipo de vínculo une o objeto ao referente a que aponta? No caso dos signos ostensivos e indiciais, o referente está presente. No caso do símbolo, é preciso maior trabalho inferencial. Para tanto, é necessário algum tipo de estabilidade, como a propiciada pela permanência do objeto, esta, entretanto, entendida tal como proporcionada pelo uso convencional dos objetos (e não adquirida de uma maneira “pura”).

Para a autora, “graças aos símbolos, e também graças aos usos convencionais, abrem-se poderosas vias de abstração, de categorização e de ‘descolamento’ dos contextos imediatos, características que, em outro plano, vão se multiplicar com a linguagem” (p. 284). Essa idéia é desenvolvida, de modo a apoiar a idéia dos usos convencionais como suporte para os simbólicos.

Rodríguez levanta, então, a questão da convergência entre os primeiros símbolos e as primeiras palavras, considerando que essas aquisições guardam analogias. Retomando as colocações de diferentes autores – Karmiloff-Smith, Katerine Nelson, Umberto Eco, Michael Tomasello – traz o conceito de “estela”, apresentado por ela e Moro, como um “condensado de signos pertencentes a distintos sistemas semióticos articulados entre si de modo unitário, com um valor heurístico não só para analisar os mecanismos de produção das crianças, mas também de compreensão” (p. 295).

Argumenta sobre a convergência entre três sistemas semióticos: usos convencionais, usos simbólicos de obje-

tos, e linguagem, com significados que operam de diferentes modos, com um denominador comum: a categorização que implica no descolamento do aqui-agora, para introduzir-se na regra geral, na lei.

Finalmente, aponta para o fato de que, quando se fala em linguagem, é necessário lembrar que a língua falada inclui entonação, gestualidade e expressão facial. Assim, os sistemas semióticos, especialmente quando se pensa em aquisição, raramente se produzem de forma isolada. “Quando essas reflexões são trazidas para os primeiros símbolos, ou seja, para níveis semióticos mais básicos, mais do que de ‘símbolo’ isolado, dever-se-ia falar de *cenário* ou de *colocação em cena*” (p. 299).

Dentre os aspectos centrais do livro, destaca-se a discussão do papel do outro, que para Rodríguez se inicia desde o nascimento. Para tanto, ela discute a noção de “influência” do adulto, que não se restringe a procedimentos de ensino. Assim, dá atenção às regularidades, ritmos e ajustes na interação; ao uso convencional de objetos pelo adulto, ao longo das rotinas de cuidados; à apresentação de objetos à criança; e, mesmo, ao fato de o adulto lidar com o objeto como permanente.

A autora questiona os estudos sobre interação adulto-criança com foco em precursores da linguagem e argumenta que é mais produtivo falar em mediação semiótica, do que em linguagem, dando relevância a outros signos, que tendem a ser bastante utilizados no início das relações do bebê com adultos e objetos. Retoma e enfatiza, assim, a noção de relações triádicas, que levam em conta, ao mesmo tempo, o bebê, o adulto e o objeto. Este objeto, visto de forma diferente da preconizada por Piaget, implica um objeto concreto, com significados que variam nas diferentes culturas, que dependem das formas de interação estabelecidas, e que levam a diferentes significados e sentidos dos mesmos na história de cada bebê.

Rodríguez discute as decorrências dessa concepção da influência do adulto desde o nascimento, para a compreensão do desenvolvimento de bebês com alterações no desenvolvimento (p.ex: prematuros que ficam em incubadoras por longo período de tempo, bebês com deficiências). A partir dessas considerações, pode-se sugerir que o processo de desenvolvimento de bebês com alterações de origem biológica seja entendido levando-se em conta as interações estabelecidas desde o início da vida, de forma a evidenciar as vias e processos alternativos que levam ao desenvolvimento (ou que o impedem, pela descrença nessas possibilidades). Deixa clara a relevância de estudos sobre desenvolvimento infantil que abranjam crianças com deficiências (no sentido de alterações de origem orgânica). Dessa forma, abre-se caminho para uma discussão assentada em *diferenças*, e não em *déficits*, para o estudo do processo de desenvolvimento de crianças com deficiências e impedimentos de origem orgânica.

Referências

Bates, E., Camaioni, L., & Volterra, V. (1975). The acquisition of performatives prior to speech. *Merril Palmer Quarterly*, 21(3), 205-226.

Moro, C., & Rodríguez, C. (1997). Object, signe et sémiotique: Fondements pour une approche sémiotique du développement préverbal. In C. Moro, B. Schenewly, & M. Brossard (Eds.), *Outils et signes. Perspectives actuelles de la théorie de Vygotsky*, Bern, Schweiz: Peter Lang.

Rodríguez, C., & Moro, C. (1999). *El mágico número tres: cuando los niños aún no hablan. Temas de Psicología*. Barcelona, España: Paidós.

Recebido: 23/05/2007
1ª revisão: 26/11/2007
Aceite final: 04/12/2007